Diálogo com Educadores¹

Alma Carrasco Altamirano Benemérita Universidade Autónoma de Puebla/México

O letramento acadêmico na pós-graduação: uma prática institucional

Se a vida acadêmica, até o momento de uma pós-graduação stricto sensu, não exigiu que o estudante fosse um autor, é em um curso de mestrado e de doutorado que assumir essa condição torna-se inadiável. Mas, o que é ser um autor? Quais as implicações do exercício da autoria? Em que medida a trajetória pregressa do estudante orienta essa condição que lhe é demandada? Os cursos de pós-graduação amparam mestrandos e doutorandos no percurso de formação como autor? Com que ferramentas conceituais os cursos contam para auxiliá-los no percurso até uma escrita autoral? Com que estratégias (ou como diria Foucault, "restrições") opera a comunidade acadêmica e científica para dar a ver aos iniciantes os parâmetros que definem o que pode e o que não pode ser publicado, lido e escrito dentro de seus limites? Questões como essas têm sido analisadas no âmbito dos estudos sobre letramento acadêmico, ainda pouco disseminados e produzidos no Brasil, mas com uma trajetória de mais longo tempo entre outros países da América Latina, nos Estados Unidos e em países da Europa. Um pressuposto assumido em comum entre eles pode ser expresso da seguinte forma: escrever de dentro da e para a comunidade científica implica questões linguísticas, normativas e políticas nem sempre compreendidas em sua complexidade.

Essas questões têm desafiado a Profa. Dra. Alma Carrasco Altamirano em sua trajetória como pesquisadora do campo da leitura e da produção cultural, assim como outros membros da Red de Cultura Escrita y Comunidades Discursivas. Doutora em Educação pela Universidade Autônoma de Aguascalientes, presidente do Consejo Puebla de Lectura (CPL) e docente da Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, Profa. Alma Carrasco Altamirano, foi entrevistada pela Profa. Dra. Adriana Dickel, durante a realização do Congreso Latinoamericano para el Desarrollo de la Lectura y la Escritura, ocorrido em Puebla, em outubro de 2013, e do V Colóquio Internacional sobre Letramento e Cultura Escrita, realizado em Belo Horizonte/MG, em agosto de 2014. Em ambos os momentos, a Profa. Alma Carrasco manifestou-se sobre os principais temas de suas investigações, sobre sua

http://dx.doi.org/10.5335/rep.v22i1.5200

militância em prol da leitura e sobre os desafios em torno da formação de um pesquisador capaz de ser autor e de agir colaborativamente na comunidade científica de sua área.

EP: A visita ao Consejo Puebla de Lectura (http://www.consejopuebladelec- tura.org/>) é algo impactante. Não é comum ver uma organização civil que tem na promoção da leitura a razão de sua existência, um berço de estudos sobre a relação do leitor com o livro, um espaco de formação de mediadores de leitura e de novos leitores das mais diferentes idades – desde o bebê que ainda não nasceu até o senhor e a senhora que, depois de tanto trabalhar, podem se deixar levar pela imaginação duradoura de belos textos literários. Donde veio essa grande criação?

Professora Alma: Há cerca de 15 anos, eu comecei a desafiar um grupo para que pensasse a promoção da leitura de modo mais autônomo em relação às instituicões nas quais trabalhávamos. Por vezes, a independência, como condição para realizar trabalhos, é fundamental. Como professora da Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, com dedicação em tempo integral, minha vida, a princípio, estaria bem assim. Mas há muitas coisas que não são possíveis de fazer de dentro das instituições. Então, formamos um grupo vinculado à Associação Internacional de Leitura (AIL) e, em 2001, nos credenciamos como uma organização da sociedade civil. Desde então, realizamos o Congreso Latinoamericano para el Desarrollo de la Lectura y la Escritura, uma indicação da própria Associação. Esse evento, em 2002, nos permitiu gerar os primeiros fundos econômicos com os quais pudemos realizar atividades que deram impulso à nossa atuação durante os primeiros dois anos. Realizamos oficinas para professores e organizamos uma pequena biblioteca para dar suporte às práticas que realizávamos envolvendo a comunidade. O que nos moveu foi a ideia de que pudéssemos compor um grupo independente, que prestasse serviços, que acompanhasse pessoas que desejassem promover a leitura. O evento nos ajudou porque nos deu visibilidade e nos projetou local e nacionalmente. Hoje, atuamos em várias frentes e muitos de nossos trabalhos têm repercutido positivamente e se tornaram referência na área. Isso também resulta em recursos com os quais conseguimos manter as atividades do Conselho. Mas ainda o grande desafio de uma organização independente como essa é conseguir fundos para levar adiante os seus projetos.

EP: Poderia citar alguns desses projetos e a intencionalidade que os move?

Professora Alma: Num país onde as bibliotecas funcionam muito mal e muito desigualmente e não necessariamente têm bons acervos, a preocupação de manter as pessoas próximas do texto escrito impõe-se para quem trabalha nessa área. O que temos feito tem a ver com esta necessidade fundamental: Como criar oportunidades para que as pessoas tenham possibilidade de viver uma experiência de leitura, seja qual for, e que essa experiência se repita e sustente outras experiências de leitura? Um dos projetos de destaque em relação aos serviços que oferecemos e que nos tem dado uma visibilidade junto à população, que vê nesse espaco um lugar para ler, é a Bebeteca. É um lugar de encontro entre leitores da primeira infância (0-3 anos) e os livros, um lugar que oferece oportunidades a uma parcela da população, invisível para os órgãos responsáveis por políticas culturais, para que vivam experiências culturais; um lugar que oferece acervos de qualidade para que os adultos possam dispor deles para favorecer encontros entre livros e crianças. Sobre as oportunidades que os países deveriam construir para os mais pequenos, recomendo revisar os anais² do encontro que se celebrou em Leipzig, em fevereiro de 2013.

EP: E quais são os desafios a serem enfrentados pelo Consejo Puebla de Lectura nos próximos anos?

Professora Alma: Eu já fui a presidente, a responsável legal, a diretora desse Conselho durante treze anos. Em novembro do ano passado, levei ao grupo a necessidade de fazermos algumas mudanças. Eu necessitava levar adiante as minhas investigações e outras frentes de trabalho. Então, fizemos uma mudança e a mesa diretora agora está constituída por pessoas mais jovens que, formadas e comprometidas, decidem continuar com o projeto. Iniciamos, então, uma nova etapa. E a ideia é que isso possa continuar. Um dos desafíos enfrentados pelas organizações da sociedade civil é conseguir dar continuidade a seus projetos e aos serviços que presta. Depois de dez anos contando com uma sede que guardava a biblioteca e era o espaço para oferecermos os nossos serviços, o governo do Estado de Puebla decidiu, em dezembro de 2014, não renovar o contrato de comodato e atualmente a organização busca uma nova sede donde possa oferecer os seus serviços. A indiferença ou o franco desprezo de quem ocupa posições políticas acrescentam dificuldades ao desafio que é organizar de forma independente um serviço cultural de leitura.

EP: A decisão de afastar-se da direção do CPL tem a ver, então, com os projetos de investigação que desenvolve? A sua vinculação à Red de Cultura Escrita y Comunidades Discursivas também colaborou para isso?

Professora Alma: Para o Conselho Puebla de Leitura é muito importante que eu esteja na Universidade e que a Universidade participe da Rede, pois esses vínculos viabilizam muitos projetos. Temos, assim, um apoio institucional que seria muito difícil de existir fora do âmbito de um convênio de colaboração como esse. A Rede se estrutura em torno de um convênio de intenções. Não somos uma figura administrativa. Trata-se de um convênio acadêmico, respaldado institucionalmente pelas instituições universitárias de que seus membros fazem parte, com o objetivo de desenvolvermos ações conjuntas: realizar eventos, intercâmbio de professores, publicações. Um interesse comum de um grupo grande de investigação no interior da Rede tem sido o letramento acadêmico. Temos feito algumas coisas juntos. Uma delas é o Congreso Latinoamericano para el Desarrollo de la Lectura y la Escritura. Também produzimos um livro, que está disponível na internet, Educação e Linguagem³, que reúne elementos sobre dez anos de investigação sobre a leitura no México. E outra de nossas ações foi o número temático sobre letramento acadêmico da Revista Mexicana de Investigação Educativa⁴.

EP: Você afirmou que o tema letramento acadêmico constitui-se como elo de convergência entre os integrantes da Rede. Mas você se volta especificamente para o estudo do letramento acadêmico produzido no ambiente da pós-graduação.

Professora Alma: Sobre o letramento acadêmico, considero que há diferenças entre o que se discute na licenciatura e no bacharelado e o que se considera letramento acadêmico na pós-graduação. Na pós-graduação, há uma definição básica: somente é cientista aquele que se faz autor. Quer dizer, é publicando suas descobertas que ele vai ter acesso à comunidade científica. Caberá a ela reconhecê-lo ou não como cientista. Então, para os estudantes de doutorado, não há nenhuma surpresa nisso. Ninguém necessita dizer a um estudante de doutorado que ele deve escrever. Ele já sabe que a sua condição tem na produção acadêmica algo central, a produção escrita é uma parte fundamental da vida acadêmica. Estamos estudando como isso ocorre entre as ciências duras puras. Vale dizer que a distinção entre ciências duras puras (por exemplo, a Astrofísica), as ciências duras aplicadas (como a Engenharia), as ciências brandas puras (como a História) e as ciências brandas aplicadas (a Pedagogia é um exemplo), é tomada de Tony Becher. E entre as ciências duras é consenso o fato de que fazer ciência é gerar conhecimentos que estejam à disposição da comunidade internacional. Perguntamo-nos, então: Como os estudantes aprendem a escrever entre tantas outras aprendizagens que fazem e que são requeridas pelo ethos científico? Uma categoria importante para responder a essa questão é o desinteresse, um dos valores caros à ciência. Eles fazem investigação de uma maneira desinteressada. Mas esse valor não exime o cientista de realizar investigações em conformidade com as normas científicas de cada disciplina. Por outro lado, buscam prestígio frente à comunidade científica internacional. Essa expectativa gera uma dinâmica que não se parece em nada com o que ocorre nas licenciaturas ou nos bacharelados. Os estudantes de pós-graduação necessitam dizer algo de inovador e antes de outros, por primeiro. E isso faz com que eles se sintam na obrigação de saber tudo o que se produz na área sobre a qual realizam seus estudos. Não podem se dar ao luxo de dizer, como o fazem os cientistas sociais, que não conhecem tal trabalho ou outro, porque isso pode gerar um impacto muito ruim em sua carreira. Outro elemento distintivo diz respeito à retórica. Os cientistas sociais produzem artigos com caráter argumentativo. Já os cientistas das ciências duras puras não fazem textos muito longos e o fazem com um caráter muito mais descritivo.

EP: Interessante essa diferença na composição de um mesmo gênero, no caso, o artigo científico.

Professora Alma: Sim, o gênero nas áreas que temos estudado vem investido de uma ideia de autor como "a pessoa que faz coisas". E os estudantes aprendem a compô-los sem que alguém os ensine. Eles têm de publicar. Então, trabalham em grupos. Os cientistas estão todos em um laboratório. Como se organizam, então, para produzir? As autorias são coletivas e isso é muito natural entre eles. Atualmente, as disputas estão em torno do primeiro nome. Há muito jogo de poder em torno disso. Há grupos enormes assinando um artigo. Isso também dá liberdade para o caso de alguém não concordar com o que está expresso no artigo e solicitar a retirada de seu nome da lista de autores. E o artigo científico é a forma mais aceita de difusão de conhecimento científico e isso é assim porque as publicações disciplinares são organizadas, protegidas e avaliadas pela própria comunidade científica. O reconhecimento que uma comunidade disciplinar tem do trabalho de um cientista se traduz geralmente na publicação de sua obra. Ser autor reconhecido em uma comunidade disciplinar implica uma leitura coletiva prévia do material entre os integrantes do grupo, que assumem, nesse momento, o papel de editores ou revisores da produção científica e cuidam para que verdadeiramente se esteja realizando uma contribuição ao campo de conhecimento em questão. A diferença entre publicar sozinho ou em coautoria com outros investigadores tem sido comumente uma diferença entre disciplinas. Os cientistas das áreas duras tendem a produzir mais publicações em coautoria do que os cientistas sociais, devido à própria natureza do trabalho de investigação. Nesse marco das publicações coletivas, algumas disciplinas concedem um reconhecimento maior ao primeiro autor. O jovem pesquisador, então, se vê forçado a buscar esse reconhecimento.

EP: Em se tratando desse tema, como fica o papel do autor em um processo coletivo de produção? Estaria ele sendo apagado do processo de autoria?

Professora Alma: Os pós-graduandos, nas ciências duras puras, aprendem a ler em contextos de trabalho, presenciando o que os outros fazem. Jane Lave designa esse fenômeno como participação periférica legítima. Esse conceito está associado a uma aprendizagem situada, que não resulta de ensino explícito, mas da participação deles em situações em que o grupo realiza uma determinada atividade, investigar por exemplo. No grupo de pesquisa, os participantes têm distintos graus de experiência e assumem distintas responsabilidades no trabalho de investigar. Os recém-chegados ou aprendizes aprendem a pesquisar observando e participando das atividades que outras pessoas realizam e compreendendo as consequências que elas têm para a investigação em curso. Todos os jovens aprendem a fazer vendo o que outros fazem e somente participam desse processo dessa forma: observando. E o que eles aprendem? Em relação à produção escrita, aprendem que, antes de enviar um artigo para um periódico, ele deverá ser submetido à revisão do grupo, dos colegas, do orientador. E quando ele é submetido, ele regressa com observações, que devem ser discutidas entre todos e que o artigo deve ser corrigido, complementado, revisado. Eles não veem isso como um problema, como muitos de nós em nossa área vemos, mas como algo que é assim, que funciona dessa forma. Diz respeito ao ethos acadêmico. Um elemento que já se pode observar aí é a importância do trabalho em grupo, do trabalho coletivo, da orientação dos mais experientes.

EP: Essa perspectiva concebe o letramento acadêmico em uma configuração distinta de outras formas de letramento, não é? Há algo distinto aqui...

Professora Alma: - Atualmente estamos trabalhando com o processo de institucionalização implicado no processo de formação acadêmica e de formação de cientistas. A ideia é ver que condições institucionais apoiam e facilitam os processos de escrita acadêmica. Estamos realizando estudos de caso de cada um dos cursos de doutorado de disciplinas duras puras e aplicadas oferecidos pela Universidade Benemérita de Puebla. O que temos observado é que há uma diferença entre os primeiros grupos de investigadores e os grupos mais jovens, principalmente em relação ao que se concebe como práticas de acompanhamento dos jovens iniciantes. Ao que parece os pesquisadores mais jovens estão mais dispostos a acompanhar os aprendizes de cientistas que os pesquisadores de uma geração anterior. Entre os pontos convergentes, entre os dois grupos, está o fato de que ler e escrever estão imbricados na atividade de investigar, são práticas totalmente naturais. Não é preciso pedir a nenhum estudante que leia ou escreva, eles o fazem porque investigam. Nesse sentido, não são práticas sociais, como dizem os novos estudos sobre letramento, mas institucionais, porque a ciência é uma instituição, tem regras, normas, recompensas. Em se tratando ciência como instituição social, é preciso ver como ela se realiza em cada organização, em cada pós-graduação, em cada lugar. Isso implica adotar uma postura socio-antropológica para o entendimento das práticas de letramento acadêmico.

EP: Em relação a esse aspecto em especial, que referenciais teóricos contribuem para compreender este fenômeno: o letramento acadêmico como prática institucional na formação de pós-graduandos?

Professora Alma: Um dos autores que tem nos ajudado é Charles Bazerman com sua abordagem socio-histórica das práticas de leitura e escrita. Outro referencial importante em nosso trabalho é o de Paul A. Prior com a teoria da atividade. Segundo ele, aprende-se ciência fazendo ciência com aqueles que já a realizam.

EP: Como esses estudos têm impactado nas práticas de formação que você desenvolve?

Professora Alma: Temos desenvolvido um seminário regular com os estudantes de pós-graduação da área de Ciências Sociais, com encontros regulares com outros investigadores, buscando replicar o que fazem os cientistas duros. Ofereço uma oficina aos estudantes de pós-graduação do país para ampará-los em seu caminho no ambiente acadêmico. O que temos observado é que, de início, eles não se pensam como investigadores, não distinguem sua orientação teórica e não sabem como pedir que a instituição lhes ajude. Nesse trabalho, trato de diferenciar a tese, como texto escolar, do artigo científico, como texto disciplinar. Proponho-lhes que deixem de pensar a tese como tese e pensem-na como artigo. Que deixem de pensar a tese para pensar o artigo científico. Digo-lhes: Isso que estás investigando vais publicar. O que vais dizer à comunidade científica? São diferentes os destinatários de uma tese e os de um artigo. Enquanto do primeiro poucos farão a leitura, o segundo pode ser lido por centenas de pessoas. Realizamos um trabalho grande para formar um pesquisador, e ele para produzir um documento dirigido tão somente a seus avaliadores e, ademais, para um público inexistente. Agora, quando escrevemos um artigo escrevemos para a comunidade. Uma comunidade que poderá nos retroalimentar com suas críticas. Uma das perguntas importantes a serem respon-

didas é se os estudantes têm claro os destinatários de sua produção e como de uma tese podem oferecer à comunidade científica um artigo. É interessante como isso muda a sua postura para pensarem-se como escritores. A tese requer um trabalho extremamente laborioso, mas muito do que se faz para produzi-la somente tem sentido em uma tese e não em um artigo. Por exemplo, nos marcos contextuais e conceituais não dizes nada de novo para a comunidade acadêmica. Um capítulo em uma tese resume-se a dois parágrafos em um artigo. Já o artigo é o lugar de construção da autoria. O que de fato tenho a dizer à comunidade científica? O que de novo tenho a dizer-lhe? O que posso dizer a outros que estudam o que eu estudo? Essa mudança de foco tem permitido a vários estudantes terminarem a tese, porque passam a vê-la como um passo para fazer o artigo. Para esclarecer isso, dois conceitos são importantes: a tese constitui-se como uma escrita acadêmica escolar e o artigo como uma escrita científica disciplinar. Cada uma delas possui regulações distintas e nós não as ensinamos aos estudantes. Trata-se de duas formas de escrever que atendem a propósitos distintos: aprender para mostrar que se está aprendendo na escola ou escrever para comunicar uma descoberta à comunidade acadêmica disciplinar. Podem me dizer que essa distinção está dada nos manuais de metodologia. Mas o fato de isso estar dito lá não significa que eles elaborem uma representação mental dessa diferença e consigam atuar com essa informação. O que temos visto é que os estudantes mudam o seu olhar sobre si e se convertem em colegas. Um dos aspectos importantes que trabalhamos na oficina é a aceitação à crítica dos examinadores de nosso trabalho. Avaliamos pareceres que recebemos de pares que analisam os artigos encaminhados à publicação. Os estudantes observam que ninguém é intocável. A crítica recai sobre todos, isso ocorre a todos. Pergunto--lhes: em teu grupo revisam as correções que fazem aos artigos? Compartilham as decisões sobre as mudanças a serem feitas nos textos? Observo que o trabalho coletivo sobre a escrita não aparece. Estão muito sozinhos. Pedimos aos assessores que os acompanhem mais. E de um modo muito simples: acompanhando-lhes em seu próprio trabalho. Na oficina, socializo as apresentações que levarei comigo para congressos. Exibo-lhes as apresentações, comentamos sua estrutura e avaliamos se ela está bem. O mesmo eles fazem. É maravilhoso ver como desempenham seguros a sua função depois disso.

EP: Quais as principais dificuldades para que esse autor se instaure na relação com a investigação?

Professora Alma: Alguns professores negam aos seus orientandos essa possibilidade. Seus alunos nunca aparecem como autores. Auxiliam na produção de dados e em suas análises. Alguns dizem: "fui eu que lhe dei as ideias, mas meu nome não vai no artigo!". Muitos deles não percebem que há um trabalho de investigação que sustenta um artigo. Estão de costas para os destinatários. Não veem o artigo científico como resultado importante do trabalho de pesquisa porque desconhecem as regras desse gênero. Em um artigo, não estou escrevendo para o meu professor, para que me avalie, mas para me dar a conhecer. É publicando que me constituo cientista. Muitos ainda desconhecem as regras do mundo acadêmico. que há calendários e tempos para publicar, normas a serem atendidas, parâmetros sobre o que dizer e a quem dizer. As comunidades científicas não são comunidades que acompanham e impulsionam os estudantes. Por vezes, os utilizam para trabalhar, mas não os instruem para a vida nesse lugar. Outro elemento importante, em especial nas ciências sociais: não se trabalha em equipe. Muitos orientandos não se encontram com seu orientador: os orientadores fazem um favor reunindo-se com eles. Isso porque não veem a atividade de orientação como um trabalho de acompanhamento importante. E tampouco possuem um grupo que permita o encontro do estudante com seus pares. Eles vão realizando atividades isoladas e quem reúne tudo em algo coerente é o orientador. É ele quem sabe a quem se dirigirá e o que defenderá no documento a ser publicado. Esse processo de seleção e escolha acaba não sendo experienciado pelo estudante. Ao não se reconhecerem como membros de uma comunidade científica não se dirigem a ela, mas ao professor. Não escrevem para a comunidade. Ao que parece é que não constituem uma identidade como cientistas sociais porque não reconhecem as regras de funcionamento da instituição social ciência. Isso se passa mais fortemente entre mestrandos. Os jovens do mestrado estão muito sozinhos. Eles se culpam por não saberem se portar nesse meio, por não saber o que precisam saber para agir nesse lugar. As instituições de pós--graduação precisam pensar em como apoiar esses estudantes nessas descobertas.

Notas

- ¹ A coleta e a sistematização das informações presentes nesta entrevista, da seção Diálogos com Educadores, foram realizadas pela Profa. Dra. Adriana Dickel, integrante do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado, da Universidade de Passo Fundo-RS.
- ² Disponível em: http://www.stiftunglesen.de/download.php?type=documentpdf&id=1132>. Acesso em: 9 jan. 2015.
- ³ Lenguaje y educación: Temas de investigación educativa en México (2013). Disponível em: . Acesso em: 9 jan. 2015.
- Revista Mexicana de Investigação Educativa, número 57. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/scielo.org.mx/sciel php?script=sci_issuetoc&pid=1405666620130002&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 9 jan. 2015.